



Plano Piloto não esconde o mal-estar da discriminação

160
ANGÉLICA TORRES

Os garotos de Brasília na faixa de 16 a 18 anos conhecem pouquíssimo das satélites mais próximas e menos ainda das mais pobres e distantes, a não ser através dos dramáticos noticiários. Mas há revelações, como a de uma mistura visivelmente crescente de jovens das satélites mais próximas com os de classe média, principalmente nos colégios onde a convivência é ensejada. Eles são discretos, mas de suas contradições salta um preconceito velado contra os garotos das cidades de menor poder aquisitivo.

Entre os estudantes entrevistados, é regra dizer que os outros têm preconceito, *costumam discriminar, muita gente* deixa de ir em show aberto por causa da mistura, *mas para mim* eles são normais, *pessoas como a gente*. O shopping, local onde foram entrevista-

dos, "não é mais freqüentado pela elite como antes. O visual piorou".

Tudo pose — Nas férias, patricinhas e mauricinhos estão em Miami e Nova Iorque. A garotada da classe média vai ao shopping em bandos para pegar um cinema ou "azarar". Eles assumem que politicamente sua geração parou no impeachment e que mesmo então, a adesão foi por simples farra. A distinção entre dois blocos de cidades-satélites é clara. A convivência com colegas do Guará, Taguatinga, Cruzeiro, Núcleo Bandeirante, e até Planaltina, ameniza a distinção, flagrada no jeito simples de vestir e pelo modo humilde "e muito gente boa" de ser. Muitos andam juntos na escola. Fora dela fica complicado, por causa da distância.

Já de Ceilândia, Samambaia e outros assentamentos, não há imagem feita. Ninguém fica impassível diante da dura realidade da discriminação em sua consciência. Ela causa incômodo e mal-estar.